

**As revistas ilustradas femininas como fontes de pesquisa na
História da Educação: um estudo sobre a publicação infantil
“Cirandinha” (1951-1958)**

**Women's illustrated magazines as sources of research in the History of
Education: a study on children's publication “Cirandinha” (1951-1958)**

DOI:10.34117/bjdv7n10-355

Recebimento dos originais: 26/09/2021

Aceitação para publicação: 26/10/2021

Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva

Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da
Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3464-9249>

Luciana Borges Patroclo

Pós-Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em
Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Proped /UERJ)
Professora Assistente I – Universidade Estácio de Sá (UNESA)
E-mail: lucianapatroclo@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4787-0762>

RESUMO

O artigo apresenta uma análise sobre a revista ilustrada infantil *Cirandinha* e o possível uso de seus exemplares como fontes de pesquisa no âmbito da História da Educação. Lançada na década de 1950 pelo grupo editorial Sociedade Anônima O Malho, e direcionada ao público feminino, o impresso tinha como um de seus propósitos editoriais contribuir para a formação moral e educacional das meninas brasileiras; principalmente aquelas pertencentes à classe média e aos grupos mais abastados da sociedade. Outro aspecto relevante é o fato de a publicação apresentar representações e discursos linguísticos distintos entre personagens femininas brancas e negras. Os conteúdos da revista privilegiavam uma construção social das relações de gênero na qual as meninas deveriam priorizar comportamentos e aprendizagens que contribuíssem para uma trajetória futura centrada no casamento e a maternidade. Os exemplares pesquisados pertencem ao acervo pessoal das autoras constituído a partir de busca em sebos virtuais.

Palavras-chave: Cirandinha, Imprensa Feminina, Revista Ilustrada Infantil, Fontes de Pesquisa, História da Educação.

ABSTRACT

The article presents an analysis of the illustrated children's magazine *Cirandinha* and the possible use of its copies as research sources in the context of the History of Education. Launched in the 1950s by the publishing group Sociedade Anonyma O Malho, and aimed at the female readers, the magazine had as one of its editorial purposes to contribute to the moral and educational formation of Brazilian girls; mainly those belonging to the middle class and the wealthiest groups in society. Another relevant aspect is that the publication presents distinct representations and linguistics discourses between white and black female characters. The magazine's contents favored a social construction of gender

relations in which girls should prioritize behaviors and learning that contribute to a future trajectory centered on marriage and motherhood. The editions researched belong to the author's collection, made up from a search in online second-hand bookstores.

Keywords: Cirandinha, Women's Press, Children's Illustrated Magazine, Search Sources, History of Education.

1 INTRODUÇÃO

Todos somos, geralmente, vítimas de impulsos que não conseguimos conter ou refrear. Impulsos de cólera, de violência, de agressividade, dos quais, logo a seguir, nos arrependemos e nos envergonhamos, até.

Mas há outros impulsos que não são tão graves e que, apesar disso, devemos procurar sempre sopitar.

As expansões excessivas de alegria em público, por exemplo.

Fica muito feio para uma menina, falar alto, rir descomedidamente, agitar-se e chamar sobre si a atenção pela falta de recato e de equilíbrio.

Podemos achar graça em algo, e rir, mas nunca às gargalhadas. Essas, ficam bem em quem não tem educação. Nunca numa menina educada.

Gritar, para chamar alguém. Estender o braço, com o dedo em riste, para apontar o ônibus que vem ou um conhecido.

Bater palmas pulando, porque teve uma boa notícia...

Tudo isso ainda passa quando estamos em casa. Na rua, porém, diante de estranhos, causa triste, tristíssima impressão (p.3) (grifo das autoras).

O texto acima exposto, sem identificação de autoria, pertence ao editorial da revista *Cirandinha* nº 63 publicada em junho de 1956. Em tom de aconselhamento, o conteúdo delineava os parâmetros de comportamento que deveriam conduzir as ações de uma menina bem-educada. Como um manual de boas maneiras, dedicava-se a descrição dos gestos e dos trejeitos condizentes a determinado *tipo ideal* feminino. Desde a infância, cabia às mulheres o entendimento de que o recato e a quase invisibilidade, principalmente nos espaços públicos, era algo a ser aprendido desde cedo.

O editorial do impresso aponta indícios e possibilidades de que *Cirandinha* se caracterizava, ou pretendia se caracterizar, como uma revista dotada do propósito de contribuir para a formação moral e a conformação de condutas consideradas próprias do sexo feminino. Embora não inserida no âmbito de uma instrução formal e institucionalizada, a publicação se postava como um veículo imbuído de missão educacional¹. Dessa forma, torna-se pertinente analisar suas seções e identificar quais

¹ Diante do contexto apresentado, *Cirandinha* está inserida em categorias propostas por António Nóvoa (1993) acerca da imprensa de educação e ensino. Dessa forma, a publicação aqui estudada se enquadra nos impressos de *Educação não-formal* e nas seguintes subcategorias: “A primeira subcategoria agrupa as publicações dirigidas à educação de ‘Crianças e jovens’, isto é os jornais e revistas infantis” e “No que respeita à imprensa periódica, a preocupação com a «Educação da mulher», nomeadamente enquanto mãe

temáticas e conteúdos eram direcionados à formação moral e educacional das meninas brasileiras.

Cirandinha esteve em circulação entre 1951² e 1958 e tinha periodicidade mensal. O título fazia menção à famosa cantiga roda infantil³ de mesmo nome. Observa-se que no período de lançamento do impresso, década de 1950, o Brasil passava por transformações econômicas provenientes do desenvolvimentismo nacional que se traduzia na chegada das primeiras multinacionais e arrefecimento da sociedade de consumo com a cheda da televisão no Brasil e outros eletrodomésticos (SEIXAS, 2015). Tal cenário também trouxe transformações para o jornalismo; inclusive o feminino. O lançamento da revista estava inserido no projeto da editora Sociedade Anônima O Malho⁴ de segmentar suas publicações voltadas ao público infantil. Essa ideia ocorreu a partir da experiência na feitura e na vendagem de *O Tico-Tico*⁵. Santos e Souza (2005) apontam que tal estratégia angariou partidários a partir dos anos 1930. Entre os motivos para tal ação estava o sucesso obtido por impressos concorrentes de *O Tico-Tico* com a publicação de histórias em quadrinhos estadunidenses como *Mickey Mouse*.

A segmentação dos impressos ilustrados estava inserida em mudanças no mercado editorial brasileiro e no sucesso das chamadas “revistas de consumo” (CORRÊA: 2015, p.208). Os grandes grupos editoriais estabeleceram a tendência de elaborar publicações destinadas a grupos específicos. Constatava-se a necessidade de considerar a “(...) noção de que o leitor é quem manda, que é para ele que a gente trabalha, tentando satisfazer seus desejos e necessidades” (CORRÊA: 2005, p.226). Nos anos 1950 houve a intensificação desse projeto com o lançamento de *Cirandinha*, direcionada às meninas, e de outros impressos para crianças; entre eles: *Tiquinho*; *Almanaque de Tiquinho*; *Pinguinho*;

e educadora por excelência, desenvolve-se ao longo do século XIX, ganhando uma expressão de grande significado nas primeiras décadas do século XX” (p.14).

² A edição nº1 de *Cirandinha* foi publicada em abril de 1951.

³ Ciranda Cirandinha / Ciranda, cirandinha /Vamos todos cirandar! /Vamos dar a meia volta/ Volta e meia vamos dar/ O anel que tu me deste/Era vidro e se quebrou/ O amor que tu me tinhas/Era pouco e se acabou/ Por isso, dona Rosa/ Entre dentro desta roda/Diga um verso bem bonito/Diga adeus e vá se embora.

⁴ Inaugurada em 1902 como *Empresa O Malho* por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva e Antônio Azeredo; posteriormente passou a ser intitulada Sociedade Anônima O Malho. O grupo editorial foi responsável pela publicação de revistas de sucesso como *O Malho* e *O Tico-Tico*. No período de circulação de *Cirandinha*, a redação da editora estava localizada na Rua Senador Dantas, nº15, 5º andar – Centro - Rio de Janeiro. Ver: GONÇALVES, Roberta Ferreira. O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista O Tico-Tico. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v.9, n.1, p.259-277, 2020.

⁵ *O Tico-Tico* é considerada a primeira revista ilustrada infantil brasileira. Fundada pelos intelectuais - Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, Manoel Bomfim, Renato de Castro e Cardoso Jr. – esteve em circulação entre 1905 e 1962. Ver: ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2002.

Almanaque do Pinguinho; e *Almanaque de Cirandinha*⁶ (SANTOS; SOUZA: 2005). Esse planejamento foi descrito na seção de *O Tico-Tico*, intitulada *Lições do Vovô*, em circulação no exemplar nº 2.030 de janeiro de 1955:

A idéia inicial de seu fundador Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, que foi o de proporcionar às crianças do Brasil a leitura alegre e sadia que lhes faltava, neste meio século de vida de O TICO-TICO tem sido por nós ininterruptamente conservada como uma bandeira, como um estandarte de luta pela boa causa. Sob o influxo desse mesmo realismo é que surgiram, depois, “Tiquinho”, “Cirandinha”, “Pinguinho” e dois anuários “Almanaque d’O TICO-TICO” e “Almanaque do Tiquinho”, formando verdadeira equipe de bons e recomendados companheiros para as crianças patricias, e que nos orgulhamos de ver aceitos sem quaisquer restrições pelos pais, professores, educadores e principalmente pelos mentores da formação do espírito religioso em nossa terra (p.3).

Observa-se que *Cirandinha* era apontada como parte da “equipe de bons e recomendados companheiros para as crianças (...)” e classificada como uma revista cujos conteúdos podem ser consumidos “sem quaisquer restrições pelos pais, professores, educadores e principalmente pelos mentores da formação do espírito religioso em nossa terra”. Reforçando-se o discurso da contribuição para a formação moral e educacional de suas leitoras.

Acerca do público-alvo e de sua formatação gráfica, a revista era direcionada, prioritariamente, às leitoras entre 7 e 14 anos (O TICO-TICO: DEZEMBRO 1952, p.9). Dirigida inicialmente por Antônio A. de Souza e Silva, *Cirandinha* tinha edições avulsas vendidas por Cr\$ 3,00, Cr\$ 4,00 e Cr\$ 5,00. Também era possível adquirir os exemplares via assinatura anual, com direito a 12 edições, ao custo de Cr\$ 40,00, Cr\$ 50,00 e posteriormente Cr\$ 60,00. Em seu começo, a publicação tinha cerca de 30 páginas, diagramadas na medida 16x22cm; posteriormente o impresso passou a circular, em média, com 24 folhas. As edições costumavam trazer na capa ilustrações de meninas brancas em diferentes tipos de atividades: brincadeiras (andando de bicicleta ou nadando com as amigas); atividades de leitura e situações referentes à afazeres domésticos como cozinhar e cuidar da casa.

⁶ O *Almanaque de Cirandinha* foi lançado em 1956 e era anual.

Figura 1 - *Cirandinha* - nº 78

Setembro 1957 – Capa

Por se tratar de um impresso ilustrado, tinha como característica a ser destacada a divisão dos conteúdos em seções específicas e de temáticas diversas. Conforme descrito no exemplar nº 42 de *Cirandinha* de setembro de 1954:

Há dias telefonou a “Cirandinha” uma leitora, sugerindo que fossem incluídas nestas páginas algumas seções que pudessem ser aproveitadas em seus trabalhos escolares.

Evidentemente a leitora não está par do que “Cirandinha” já tem feito, oferecendo trabalhos manuais, jogos, sugestões e idéias cuja finalidade é justamente essa, tudo de mistura com páginas alegres, poesias, pensamentos, curiosidades, testes, historietas, contos, anedotas, receitas, modelos de vestidos, etc. Tratando-se de uma revista de pequeno formato e relativamente pequeno número de páginas, mais não é possível fazer, naquele sentido. Há, todavia, para as leitoras que sentem dificuldades em encontrar material escolar mais adiantado. Páginas referentes à História pátria e aos feitos dos nossos maiores, às produções brasileiras, seus tipos característicos, e retratos de brasileiros célebres, e feitos de grandes vultos da Humanidade, uma solução excelente: recorrer a “O Tico-Tico” (p.3).

Suas páginas eram preenchidas com histórias em quadrinhos, poemas e poesias, seções de corte e costura, contos, espaços curiosidades, seção com brinquedos para montar. As produções presentes em *Cirandinha* também eram produzidas por mulheres,

entre elas: Leonor Posada⁷, Lilinha Fernandes⁸, Giselda Melo⁹, Alma Cunha de Miranda¹⁰ e Maria Matilde¹¹. Eram autoras que atuavam em diferentes campos da intelectualidade; inclusive na produção de obras da literatura infantil. Também é preciso citar as contribuições do ilustrador Luiz Sá¹², já conhecido pela autoria de histórias publicadas anteriormente em *O Tico-Tico*. Também eram reproduzidos escritos de autores conhecidos como o do jornalista e poeta, Bastos Tigre¹³.

Com base nas informações já descritas e na leitura dos exemplares restantes, estabeleceu-se analisar os conteúdos femininos presentes em *Cirandinha* no âmbito do campo educacional. Nesse contexto foram investigadas as representações femininas em circulação às páginas do impresso infantil.

CIRANDINHA: A REVISTA APROPRIADA PARA AS MENINAS

Era costumeiro as edições de *O Tico-Tico* trazerem anúncios de *Cirandinha*. O conteúdo publicitário tinha caráter imperativo, pois reforçava que a revista era a leitura

⁷ Leonor Posada nasceu em 1899, na cidade de Cantagalo no Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros paradidáticos, poesias e obras literárias infantis. Colaborou com poesias, poemas e contos para as publicações do grupo Sociedade Anonyma O Malho: *O Tico-Tico*, *Almanaque do Tico-Tico*, *Biblioteca Infantil do Tico-Tico*, *Tiquinho*, *Pinguinho* e *Cirandinha*. Faleceu em 1960 (FELGA: 2009)

⁸ Considerada a *Rainha da Trova*, Maria das Dores Fernandes Ribeiro da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1891. Durante décadas foi colaboradora das revistas infantis publicadas pela Sociedade Anonyma O Malho como *O Tico-Tico*, *Almanaque do Tico-Tico* e *Cirandinha*. Nas páginas desses impressos eram publicadas poesias e trovas de sua autoria. Faleceu em 1981 (PIATGÓRSKY:1962, p.2).

⁹ Giselda Melo foi ilustradora e desenhista de revistas da Sociedade Anonyma O Malho. Uma das poucas mulheres a atuarem nessa profissão no referido grupo editorial. Autora da história em quadrinhos *Caxuxa* (MOLERO: s/d).

¹⁰ A folclorista Alma Cunha de Miranda foi uma famosa cantora lírica brasileira. Artista contratada pela Rádio Tupi. Destacou-se no campo da literatura infantil com a escrita de obras como *Meus contos infantis*. Autora de contos e poemas publicados em *O Tico-Tico* e *Cirandinha*, ambas pertencentes à Sociedade Anonyma O Malho (O TICO-TICO: NOVEMBRO 1941, p. 41).

¹¹ Maria Matilde escreveu e traduziu contos estrangeiros publicados em *O Tico-Tico*. Responsável pela seção *Perguntando e Respondendo* da mesma revista. Assim como colaborou no *Almanaque do Tico-Tico* e *Cirandinha* (Acervos CIRANDINHA e O TICO-TICO).

¹² Luiz Sá nasceu na cidade de Fortaleza – CE em 28 de setembro de 1907. Foi responsável pela criação de *Reco-Reco*, *Bolão* e *Azeitona*; famosos personagens da revista *O Tico-Tico*. Também foi colaborador de outros impressos como *Almanaque d' O Tico-Tico*, *Biblioteca Infantil d' O Tico-Tico*, *O Malho*, *O Globo* entre outros. Responsável pelas ilustrações dos jornais cinematográficos: *Esporte na Tela* e *Notícias da Semana*. Ao mesmo tempo em que atuou na imprensa foi funcionário do Serviço Nacional de Educação Sanitária; em razão desse emprego foi o responsável pela ilustração de campanhas e cartilhas sobre saúde e higiene. Faleceu na cidade de São Gonçalo– RJ em 14 de novembro de 1979 (O FLUMINENSE/ CADERNO O ESTADO DO RIO – SÃO GONÇALO. ITABORAÍ. RIO BONITO: 24 DE NOVEMBRO DE 1979, p.1; SILVA FILHO: 2 DE MARÇO/3 DE MARÇO DE 1975, p.21).

¹³ Manuel Bastos Tigre nasceu na cidade do Recife em 12 de março de 1882. Foi colaborador de importantes jornais e revistas como: *A Noite*, *A Rua*, *Careta*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícia* e *O Malho*. Dedicou-se também ao teatro via autoria de peças e participação na fundação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) (FANGUEIRO, s/d).

ideal para as meninas. Seus conteúdos eram descritos como cuidadosamente escolhidos para contribuir para a formação das futuras mulheres brasileiras.

Em fevereiro de 1952, *O Tico-Tico* trouxe as seguintes comunicações: “As meninas devem ler *Cirandinha*” (p.25) e “*Cirandinha* é a revista mais completa que se edita no país para meninas. É feita especialmente para meninas” (p.31). Na data de fevereiro de 1955 foi salientado que “As meninas encontram em *Cirandinha* a revista apropriada aos seus gostos e preferências” (p.32) e que “As meninas encontram em *Cirandinha* a revista apropriada aos seus gostos e preferências. *Cirandinha* é feita com material escolhido para agradar às meninas de todas as idades” (p.32).

A menção de *Cirandinha* como leitura autorizada suscitou certos questionamentos: *Por que as meninas deveriam ler essa publicação? O que a caracterizava como a revista completa para as meninas? Quais conteúdos considerados eram considerados apropriados às jovens leitoras?*

Um primeiro aspecto a ser destacado é o trecho que faz referência ao fato do impresso ser direcionado “às meninas de todas as idades”. Conforme descrito na *Introdução*, *Cirandinha* era direcionada às meninas de 7 a 14 anos; porém seus conteúdos também procuravam contemplar os anseios das mães; visto que elas eram identificadas como primeiras mestras e responsáveis pela formação do caráter das crianças. Por exemplo, havia seções da revista - especialmente as que versavam sobre trabalhos manuais e costuras – que faziam referência à figura materna. Também é preciso alertar que certas narrativas traziam personagens femininas adultas como protagonistas. Dessa forma meninas e mulheres podiam se identificar com as representações em circulação no impresso. Outro elemento, que remetia a tal questão, eram os anúncios do *Anuário das Senhoras*¹⁴; publicação também da Sociedade Anônima O Malho.

¹⁴ O *Anuário das Senhoras* foi publicado pela Sociedade Anônima O Malho entre 1934 e 1958. Ver: MENDONÇA Ramona Lindsey Rodrigues; MENDES; Francisco Fabiano de Freitas. Das modas às tintas: representações do feminino nas publicidades da revista *Anuário das Senhoras* (1940-1950). *Dobras*, v.14, n.29, p.186-203, mai./ago. 2020.

Figura 2 - Cirandinha nº 83



Fevereiro 1958 - p.21

Figura 3 - Cirandinha nº 58



Janeiro 1956 - p.23

A representação feminina e o papel social da mulher priorizadas nas páginas de *Cirandinha* eram explicitadas nos editoriais publicados, geralmente, na página três. Havia um cuidado com a diagramação, pois, a cada edição, esse espaço ganhava diferentes cores e margens ornadas com flores e laços; em determinadas temas e datas comemorativas também eram inseridas ilustrações. A seguir encontra-se alguns desses textos:

Tabela 1: Editoriais de *Cirandinha*

Edição	Número	Ano	Autoria	Editorial
Junho 1951	3	I	Antonio A. de Souza e Silva	Quando a Mamãe de chamar, nunca demore a atender. Não lhes grites aquela frase de má vontade e pouco caso que caracteriza os preguiçosos e desanimados. Já vou... Quando tua mamãe grita o teu nome, reclamando o teu auxílio, conta contigo. Espera de ti a mesma solicitude com que te atendeu, quando eras pequenina, e, à menor aflição, à menor necessidade, ao menor susto, ou perigo, gritavas por ela. Ela nunca te respondeu: Já vou..., naqueles momentos. Largava tudo o que fazia, e corria desveladamente a te atender. Deves-lhe, hoje, essa retribuição. Se ela te chama é porque precisa de ti. Porque conta com sua solicitude e o teu auxílio. Quando ouvires o seu chamado, corre a atender. Nunca respondas friamente, displicentemente: - Já vou...
Setembro 1953	30	III	Antonio A. de Souza e Silva	Saber “receber” é uma arte. Não nos referimos a receber o que lhe seja dado. Essa é, aliás, outra arte, não menos importante. Referimo-nos à acolhida que se deve dar a quem nos visita, ao modo atencioso e cordial com que devemos manifestar a nossa satisfação com a presença de quem chegou. As visitas, mesmo íntimas, têm direito à nossa atenção e solicitude. Se estamos conversando, em grupo, devemos interromper a palestra, a fim de quem chegou se integre na conversa. Se estamos ouvindo rádio, ou com a televisão ligada, é fato imperdoável continuar a ouvir, deixando a visita para um lado. Isso ofende os visitantes. E não se compreende que alguém, que nos distinguiu com a sua visita seja por nós posto em plano inferior a uma novela ou a um filme televisionado...
Setembro 1955	54	V	---	Quais as qualidades que devemos exigir de uma amiga? Muitas meninas exigirão franqueza, que é o mesmo que sinceridade,

				com efeito, como se pode confiar sinceramente numa pessoa, sem se estar convicto da sua perfeita lealdade? Tolerância e compreensão virão em seguida, pois que sem isso a amizade não florescerá nunca como a bela e perfumada flor que é. Uma boa amiga deve ter bom carácter. Deve apresentar qualidades que venham ao encontro de nosso próprio desejo de perfeição moral. Na amiga escolhida, a menina deve ver sempre um bom exemplo e um estímulo ao seu próprio aperfeiçoamento, à sua constante elevação. A menina egoísta, indisciplinada, leviana, poderá ser tudo, menos amiga. Não saberá aconselhar. Não saberá amparar. Não saberá estimular nem acolher, nos momentos precisos, porque dentro de si mesma não possui aquilo que, numa amiga, tôdas buscamos. A leviana não está à altura de ouvir as nossas confidências. Não compreenderá os nossos sentimentos, porque não cultiva sentimentos em sua alma, porque será incapaz de compreender o que seja a verdadeira amizade. Poderá ser uma alegre companheira, sem dúvida, mas para amiga não serve, não possui as qualidades necessárias e indispensáveis. Por isso, a escolha das amigas é problema sério. Por isso as meninas devem sempre ouvir as ponderações maternas, a esse respeito, pois que as mães têm mais experiência e, além de tudo sabem, por instinto – um divino instinto que lhes vem do coração – o que serve e o que não serve às suas filhas.
Setembro 1957	78	VII	Paulo Amaral	Preocupar-se apenas com a aparência, cuidar tão só de vestir bem, estar bem penteada, bem calçada, e tudo isso “na moda”, é erro comum entre as meninas-mocinhas. A boa aparência, a higiene, o aspecto exterior não são incompatíveis com uma boa moral e com uma consciência tranquila. A verdade, os nobres sentimentos, o pudor, a piedade filial, o temor a Deus dão também à fisionomia um encanto especial, e este é que as meninas devem preferir, em vez do outro, que revela apenas vaidade.

Fonte: Exemplos *Cirandinha* (Acervo Pessoal – Autoras)

Deve ser observado que os editoriais de *Cirandinha*, com autoria identificada, eram creditados a figuras masculinas (Diretores da publicação). Nesse contexto, a revista seguia a perspectiva de outros impressos femininos que, embora direcionadas às mulheres, tinham homens nos principais cargos diretivos e na redação.

Os conteúdos de *Cirandinha* encontravam consonância com a representação feminina com todos os predicados que as classes médias e abastadas consideravam ideais para uma *boa moça*: “A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura” (PINSKY: 2018, p.608-609). Esse modelo *feminino ideal* era constituído por imagens de meninas, moças e mulheres brancas que viviam nos centros urbanos e pertencentes aos grupos econômicos mais abastados. Destacam-se as capas da publicação que traziam ilustrações de garotas brancas em diferentes situações; em muitos casos eram feitas referências a situações consideradas condizentes com o padrão de feminilidade.

Figura 4 - *Cirandinha* nº 74



Maio 1957 (Capa)

As imagens de meninas e mulheres brancas eram as que estampavam as seções de modas, narrativas edificantes e algumas histórias humorísticas sobre hábitos femininos; sempre vinculadas ao comportamento das classes mais abastadas.

Os conteúdos abordados em *Cirandinha* adaptavam as temáticas e a conformação de seções presentes em publicações femininas em circulação nos anos 1950.

A imprensa feminina desempenha importante papel na educação de mulheres letradas. Nas décadas de 50 e 60 do século XX, as revistas femininas ocupavam um lugar de destaque na vida de suas leitoras, dialogando com elas sobre problemas cotidianos. Eram conselheiras e confidentes; companheiras de lazer. A partir disso é possível afirmar que tais periódicos podem colaborar para a manutenção de determinados padrões, veiculando papéis ditos tradicionais de mulher, de comportamento, de sexualidade e de relações de gênero (SALERMO; CUNHA: 2011, p. 127).

Salienta-se a ocorrência de uma tradução desses conteúdos ao universo das pequenas e jovens leitoras. Essa questão pode ser avaliada, por exemplo, nos testes realizados em *Cirandinha* que seguiam a estrutura utilizada nas revistas como o *Jornal das Moças*¹⁵.

Em setembro de 1953, a edição nº 30 de *Cirandinha* trouxe o seguinte teste: **Você é Organizada?** A seção trazia o seguinte texto inicial:

¹⁵ *Jornal das Moças* foi uma publicação quinzenal que esteve em circulação entre 1914 e 1965. **Ver:** DIEGUEZ, Priscila. *Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do Jornal das Moças*. 236fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro. 2019.

Qualidade que as mães estão sempre a desejar para as filhas, é a “organização”, o amor à ordem, esse cuidado permanente – sem exagero... – de que as coisas estejam sempre nos seus lugares, haja sempre uma hora para cada coisa etc. Terá você, leitora, essa qualidade essencial? (p.4).

Para saber se eram organizadas, ou não, as leitoras tinham que responder questões e calcular a pontuação de suas respostas.

Tabela 2 - Teste – Você é organizada?

1ª Pergunta	Você possui, escrito, um “horário” das suas aulas, que consulta sempre, para evitar ser apanhada de surpresa, sem o livro necessário ou do caderno que lhe vai fazer falta?
2ª Pergunta	Quando traz “deveres”, para casa, você trata de os executar logo, mesmo que tenha dois dias de folga, em vez de “enfurnar” os cadernos, para só se lembrar deles à última hora e fazer tudo às carreiras?
3ª Pergunta	Você tem uma caderneta onde anota os endereços, telefones, aniversários, dos parentes e das amiguinhas?
4ª Pergunta	Suas colegas lhe emprestam, sem relutância e sem pôr dificuldade, livros e cadernos de pontos, quando você deles precisa por motivo de força maior?
5ª Pergunta	Você tem cuidado de arrumar seu quarto, fazer a cama, dar um jeito no que é seu, antes de sair, pela manhã, para as aulas?
6ª Pergunta	Quando você vê, em casa, qualquer objeto fora do lugar, esquecido pela mãe ou pela empregada, trata de colocar no lugar devido?
7ª Pergunta	Você costuma fechar sempre suas gavetas, armários estantes?
8ª Pergunta	Quando precisa de um papel, uma anotação, uma referência, sabe onde deve ir buscá-lo, porque traz sempre o que é seu em ordem, arrumado, limpo?
9ª Pergunta	Você chega ao colégio sempre em boa hora, porque observa o horário das conduções?
10ª Pergunta	Você tem, completa, a coleção de “Cirandinha”?

Fonte: Cirandinha nº 30 - Setembro de 1953 – p.4-5.

As leitoras tinham que anotar suas respostas para fazer cálculos necessários para identificar se elas eram organizadas ou não. Cada **sim** valia três pontos, a resposta **às vezes** tinha valor de dois pontos e a opção **não** era sem valor. Caso o somatório final fosse entre 50 e 45 pontos, a menina é considerada **organizada** e “(...) merece parabéns. Seus pais devem se orgulhar de filha que têm”. Se a soma estivesse entre 45 e 25 pontos “é boa menina, mais precisa se cuidar mais”. Se o resultado obtido fosse 25 pontos ou menos “(...) as coisas não andam bem é fácil imaginar como você se sente, com os carões que leva...Por que não se corrige?” (p.5).

Em 1º de junho de 1950 a edição nº 1824 do *Jornal das Moças* apresentava às leitoras o teste: **Você é boa dona de casa?** As jovens tinham de responder uma série de questionamentos sobre como administravam o lar. A revista descrevia as ações corretas e os resultados obtidos.

Tabela 3 – Você é boa dona de casa?

1ª Pergunta	Planeja na hora o “menú” do dia?
2ª Pergunta	Faz compras mais de 2 vezes por semana?
3ª Pergunta	Mistura frutas, manteiga, verduras e cereais em sua geladeira?
4ª Pergunta	Utiliza tôdas as panelas de uma vez?
5ª Pergunta	Transporta os pratos, um a um, na mão para a cozinha?
6ª Pergunta	Enxuga os pratos na toalha de mesa com os guardanapos?

7ª Pergunta	Deixa secar a roupa antes de separá-la para passar a ferro?
8ª Pergunta	Separa uma toalha de mãos para cada pessoa de sua família?
9ª Pergunta	Trabalha muito de manhã para descansar à noite?
10ª Pergunta	Deixa os cinzeiros cheios de pontas de cigarro, passarem a noite dentro de casa?

Fonte: Jornal das Moças – Edição 1824 – 1º de junho de 1950 – p.14

Tabela 4 – Respostas - Você é boa dona de casa?

1ª Resposta	Deve sempre planejar o cardápio com antecedência.
2ª Resposta	Deve fazer compras apenas uma vez por semana. Mais de uma vez é extraordinário.
3ª Resposta	Cada alimento deve ter o seu lugar separado para ser guardado.
4ª Resposta	Deve usar uma panela de cada vez e logo lavá-la para evitar acúmulo de panelas sujas na cozinha.
5ª Resposta	Deve usar uma bandeja para retirar todos os pratos de uma vez.
6ª Resposta	Use apenas os panos apropriados para isso.
7ª Resposta	A roupa que vai ser passada deve ser retirada úmida da corda.
8ª Resposta	Cada membro de sua família deve uma toalha individual.
9ª Resposta	Descanse um pouco pela manhã e distribua o serviço suavemente durante o dia, pois deve sempre reservar algumas horas para o seu descanso.
10ª Resposta	Antes de ir dormir deve limpar os cinzeiros.

Fonte: Jornal das Moças – Edição 1824 – 1º de junho de 1950 – p.14

As respostas negativas valiam três pontos enquanto as respostas afirmativas não eram pontuadas. Quando o somatório compreendesse mais de 27 até 30 pontos, significava que “sua eficiência como dona de casa é esplêndida”. De 21 a 27, a mulher era considerada uma boa dona de casa. Caso os pontos somados atingissem de 15 a 21, ela era classificada como regular. Se a leitora atingisse menos de 15 pontos, era descrita como “fraca, imperfeita, denotando a sua falta de economia e inaptidão para o trabalho caseiro que deve ser corrigido” (JORNAL DAS MOÇAS: 1 de junho de 1950, p.14).

Por se tratar de uma revista ilustrada, *Cirandinha* era constituída por uma pluralidade de seções, histórias em quadrinhos e personagens. A seguir são apresentadas algumas seções e narrativas da publicação:

Tabela 5: *Cirandinha* em conteúdos, histórias e personagens

História/Seção	Autoria	Conteúdo
O Anjo da Guarda de Lucinha	J. Gouppy (Ilustrador belga)	As ilustrações retratam situações de bom comportamento da menina <i>Lucinha</i> . As legendas sempre mencionam que suas boas ações alegam seu anjo da guarda.
Caxuxa	Giselda Melo	A narrativa em quadrinhos descreve as aventuras e confusões vividas pela menina <i>Caxuxa</i> . As histórias trazem características estereotipadas da personagem principal que é negra. A garota vive no interior (rural) com sua <i>Tia Rosa</i> e o primo <i>Coquinho</i> .

Maria Fumaça	Luiz Sá	A personagem principal é uma mulher negra e empregada doméstica. As narrativas apresentam <i>Maria Fumaça</i> em situações caricatas. Apresenta a mulher negra de forma estereotipada.
Mimosa e sua história maravilhosa	----	A história em quadrinhos aborda as aventuras de <i>Mimosa</i> , uma menina com asas de borboleta. Embora fosse considerada uma boa garota, sua curiosidade às vezes resultava em confusão.
Mamãe vai fazer pra mim!	----	Imagens e descrições de roupas consideradas ideias para que as leitoras estivessem na moda.
Você sabe responder?	----	Questões relacionadas a uma situação exposta na seção. Abordam questões de cultura geral.
Assim vestem as crianças	----	Ilustrações sobre a vestimentas de crianças em diferentes partes do mundo.
Coisas feias que não fazem as meninas bonitas	----	Referência aos maus comportamentos que deviam ser evitados pelas meninas
Muita menina não sabe o que quer dizer seu nome	----	Significado dos nomes femininos.
Decalque para bordar	----	Moldes para serem utilizados em atividades de trabalhos manuais: costura e bordados.
Pensamentos para o seu álbum	----	Frases ditas por personalidades e intelectuais.
Para as habilidosas	----	Ensinaamentos sobre trabalhos manuais de artesanato, bordado entre outras atividades.

Fonte: Exemplares *Cirandinha* (Acervo Pessoal – Autoras)

Acerca das seções e personagens é preciso destacar, e posteriormente abordar de forma específica em outros textos, como as personagens negras significavam um contraponto ao modelo ideal feminino celebrado pela publicação. *Cirandinha* trazia duas histórias protagonizadas por figuras femininas negras. *Maria Fumaça* (de Giselda Melo) e *Caxuxa*¹⁶ (de Luiz Sá).

Figura 5 - *Cirandinha* nº 36



Março 1954 - p.19

Figura 6 - *Cirandinha* nº 2



Mai 1951 - p. 26

¹⁶De acordo com Roveri e Santos (2021, p.8 apud SANTOS: 2016), a palavra *Caxuxa* está relacionada ao candomblé e significa uma forma carinhosa de se referir a uma mulher jovem.

Maria Fumaça era uma empregada doméstica, atrapalhada, que pronunciava as palavras erradas e não gostava das cobranças da patroa branca. Por conta de seu comportamento vivia se confundindo as tarefas do lar. Em certas histórias o mote era uma conversa entre *Maria Fumaça* e sua patroa sobre arte ou outra temática cultural; nessas situações era demonstrado seu desconhecimento sobre o assunto. O espanto de sua patroa era visível seja pela feição ou pelo uso de expressões como: *Oh!* e *Ignorância!*. No caso da menina *Caxuxa*, ela vivia no interior com o primo *Coquinho* sua *Tia Rosinha* que trabalhava como empregada doméstica para *Dona Chiquinha*. Assim como *Maria Fumaça*, elas também não utilizavam a língua culta; além disso, por morarem em área rural, tinham um sotaque diferenciado. Utilizava-se da questão do humor e dos estereótipos físicos para demonstrar que como eram inadequados tais comportamentos¹⁷. Essas figuras femininas não compartilhavam de gestos delicados e gostos refinados.

Um exemplo é a narrativa publicada na edição nº 2 de *Cirandinha* na qual *Tia Rosa* contou para *Caxuxa* uma história sobre uma princesa loira e enfatiza o fato dessa característica a tornar bela. A mulher pediu que a menina tomasse conta da panela, pois ela tinha que sair. Na volta, *Tia Rosa* percebe que *Caxuxa* deixou a comida queimar porque decidiu usar água oxigenada nos cabelos para ficar bonita com a heroína dos contos de fada. Pelo seu comportamento é chamada de *negrinha endiabrada* e seu primo *Coquinho* a chama de assombração (MAIO 1951, p.26-27). No exemplar nº 42 é apresentada a viagem de férias de *Caxuxa* e *Coquinho* ao Rio de Janeiro, então capital da República. No decorrer da narrativa é demonstrado o estranhamento das crianças frente aos hábitos e comportamentos da cidade urbana e moderna. Fica explícito o contraponto entre seus hábitos e comportamentos não condiziam com a modernidade das capitais voltadas ao progresso e a industrialização. Como observam Roveri e Santos (2021)

As narrativas que envolvem a menina *Caxuxa* parecem traçar um destino comum às moças que riem alto, alegram-se, falam demais (e fora do padrão escolarizado, tido como culto e ideal) e nadam com meninos: sua liberdade, ousadia e alegria de infância não serão compensadas na vida adulta, pois o que se espera, no ideário da época, é que a menina tenha um comportamento que não dê espaço a julgamentos “maldosos” por parte dos que a cercam, a fim de garantir um bom casamento futuro (p.15).

¹⁷ Esse recurso também foi utilizado pela revista *O Tico-Tico* para retratar a personagem *Faustina*. Criada pelo caricaturista *Alfredo Storni* (1881-1966), ela era constantemente alvo de escárnio por querer adotar comportamentos considerados feministas e destoantes da representação feminina idealizada pela publicação (PATROCLO: 2015).

O modelo educacional em circulação nas páginas de *Cirandinha* tinha objetivo de ressaltar uma formação alinhada com os parâmetros estabelecidos pelas elites e refutar o que não lhe parecesse adequado.

CIRANDINHA E A EDUCAÇÃO FEMININA

Vamos retornar às aulas, que já estão passadas as férias. Todo um ano de trabalho e de estudo está à nossa frente. Ao reencetar a tarefa, devemos erguer o pensamento a Deus para agradecer-lhe o bem que nos concede. Dar graças aos céus, pelo interesse que nossos pais demonstram pela nossa instrução, fazendo até sacrifícios para que possamos estudar e aprender. Um dos motivos maiores de gratidão para com os nossos pais, deve ser êsse. Graças a eles, transpomos os umbrais da região de trevas que é a ignorância, para penetrar no mundo de luz da sabedoria. Vida nova! Novamente à luta! Antes, porém, um olhar de gratidão aos nossos pais e mestres, pelo muito que lhes devemos (p.3).

O editorial da edição *Cirandinha* n° 60, publicada em março de 1956, reforçava a perspectiva de que a revista tinha a educação como uma de suas bandeiras. O escrito, sem autoria identificada, abordava duas perspectivas sobre a formação feminina: a primeira de caráter instrucional (escola) e segunda de centrada na moralidade. Observa-se no texto, a contraposição entre a luz (sabedoria) e as trevas (ignorância) e, ao mesmo tempo, a conformação de ações, gestos e comportamentos (gratidão aos pais e a relação com a religiosidade). Outro aspecto a corroborar tal visão foi o anúncio da Sociedade Anônima O Malho presente no *Anuário das Senhoras*, edição n° 24, de 1957:

Leia com atenção - Se o senhor é pai ou educador Pesa sob os seus ombros uma grande responsabilidade, a de bem orientar a formação espiritual e mental daqueles que, como pai ou mestre, têm por tarefa educar e instruir. Nunca será demais recordar, portanto, um grande perigo espreita aqueles que estão sob os seus cuidados, oculto por entre as páginas das más publicações infantis cuja leitura constitui um veneno para almas em formação. Por contraposição, as boas revistas, a leitura sadia e selecionada constitui auxiliar precioso para a tarefa do pai e do educador. (...) “O TICO-TICO”, padrão das publicações, é, pois, companhia aconselhável para os seus filhos ou seus alunos. Impecável na escolha da matéria que oferece, o que constitui ponto de honra dos que o organizam e redigem, tem sido e continua a ser a leitura aceita e aprovada por outros pais e outros mestres, para as suas congêneres “TIQUINHO”, “CIRANDINHA” e “PINGUINHO” da mesma editora, cuja aceitação e aprovação nos lares e escolas tem sido unânime (p.208).

Cirandinha é descrita como uma leitura autorizada e possuidora da chancela da família e do professorado, instâncias apontadas como as responsáveis pela formação integral das crianças; nesse caso as meninas. Roveri e Santos (2021) apontam a

possibilidade do discurso compartilhado pelo impresso ser classificado como uma “leitura autoritária” no sentido que

Na revista “Cirandinha” a literatura autoritária é predominante. Embora exista a defesa não apenas da instrução, mas também da recreação, a moralização do comportamento ganha espaço em quase todas as histórias. Os textos que intencionam divertir utilizam-se de peripécias de cenas cotidianas ou de gracejos de linguagem, protagonizadas por personagens extravagantes e pitorescos, cujas reações são imprevisíveis. Os adultos professores, escritores, poetas e ilustradores assumem um papel de companhia, conselho e distração das meninas (p.7).

Outro aspecto que reforça tal perspectiva era o linguajar utilizado pelo corpo editorial para se relacionar com as leitoras. Conforme Luca (2013), esse era um recurso empregado porque

(...) Não por acaso, o tom cerimonioso, ainda presente em algumas revistas dos anos 1940, foi abandonado em prol do intimista “você”, como se a revista se dirigisse apenas àquela que a tem nas mãos. Tal proximidade, que carrega as marcas da emoção e da afetividade, pode atuar como um importante elo no processo de transmissão da informação, mas também de convencimento e mesmo imposição, apoiados em enunciados prescritivos e normativos que ordenam o que fazer e como fazer. Não por acaso, o tempo verbal mais frequente é o imperativo, configurando um discurso bastante próximo do publicitário (p.448).

Era corriqueiro que os textos da publicação infantil, em tom professoral e de aconselhamento, utilizassem pronomes como *você* ou expressões como *amiguinha* para dialogar com seu público.

Acerca da educação feminina, as páginas de *Cirandinha* também traziam conteúdos referentes a importância de dois eixos formadores: o instrucional e o utilitário. No contexto instrucional, a revista abordava conteúdos referentes à ortografia, conhecimentos gerais e adivinhações; outras eram direcionadas ao caráter utilitário de preparação para a governança do lar. Deve ser observado que essa proposta não era algo aleatório, encontrava-se vinculada a um padrão social em que

Moças letradas e cultas podem ser donas de casa mais eficientes, companheiras valorizadas e um trunfo para as famílias, desde que não queiram competir com os homens ou trocar de posições com eles. Mães com alguma instrução podem cuidar melhor dos filhos. Solteiras qualificadas podem ser professoras, secretárias, balconistas, ganhando honestamente seu sustento ou contribuindo para o orçamento familiar (LUCA: 2013, p.473-474).

Observa-se que os conhecimentos, com destaque para as prendas domésticas, seguiam as diretrizes curriculares voltadas ao sexo feminino, desde o período colonial

(CARDOSO: 1999). É identificada que, seja no Império ou nas primeiras décadas republicanas, as mulheres tinham disciplinas suprimidas - principalmente as vinculadas ao aprofundamento dos conhecimentos matemáticos (álgebra e geometria) – em prol de receberem ensinamentos de cunho utilitário; como costura e bordado (GONDRA; SCHUELER, 2008). Na década de 1950, a estrutura disciplinar ainda mantinha tais diferenciações por gênero, tanto no ensino primário quanto no ensino secundário (SOUZA, 2008). Ao mesmo tempo, um percurso educacional de sucesso poderia auxiliar na formação de melhores mães e esposas; pregava-se a chamada uma governança do lar consciente e uma “maternidade científica” (VASCONCELOS; PATROCLO: 2021). Em alguns trechos da revista a dedicação ao estudo também era relacionada ao desenvolvimento do caráter das leitoras:

DE QUALQUER MANEIRA, É PRECISO ESTUDAR! Muita menina diz: - “Não preciso estudar tanto! Não vou me formar... Quero ser ‘dona de casa’, cuidar do meu lar, da família...” É belo o ideal, mais tais meninas estão enganadas. A “dona de casa” não pode ser uma ignorante. Até, pelo contrário, deve possuir conhecimentos mais amplos, mais gerais. Deve estar à altura de compreender os assuntos que interessam ao esposo, deve estar habilitada a ser a primeira mestra dos filhos, sua conselheira, orientadora e guia (...) (CIRANDINHA: MAIO 1957, p.23).

É preciso salientar que *Cirandinha* também fazia referência a escolha de futuras profissões pelas leitoras. Demonstra-se que o acesso feminino no mercado de trabalho estava condicionado a certas profissões compatíveis com o modelo de feminilidade em circulação na publicação; principalmente o magistério e a enfermagem. A capa da edição nº 16, lançada em julho de 1952, trazia o desenho de uma menina que usava um casquete de enfermeira na cabeça e um avental branco. A escolha das vestimentas e ornamentos estava diretamente vinculada ao fato da garota ter sido retratada dando remédio para sua boneca machucada. O *anel de professora*; escrita por Leonor Posada, e apresentada na edição nº 63 de junho de 1956, abordava o orgulho da avó ao contar à neta sobre seu anel de professora (anel de grau):

O velho médico, sem clínica, deixa de usar o seu: não pode e não deve mais receitar; o advogado que não trata mais de assuntos de crimes nem do fôro, também põe de lado seu formoso anel. (...) Mas, o anel de professora, não! (...) A velha professora é sempre a mestra, aquela que nos ensinou as primeiras letras, nos deu os primeiros conhecimentos. Enquanto ela fôr viva não deixará nunca de ensinar, ora numa doce explicação, ora um conselho jamais desdenhado: sua missão é e será para toda a sua vida! E, por isso, a velha mestra usa o anel em seu dedo engelhado. Para ela, êsse anel é um mundo de recordações; lembra-lhe a infância que passou sob os seus cuidados; as gerações que educou... (POSADA: JUNHO 1956, p.4-5).

As seções voltadas à culinária e aos trabalhos manuais enfatizavam a necessidade das meninas terem uma formação utilitária; deveriam estar prontas a auxiliar suas mães nos afazeres domésticos (PATROCLO, 2019). Ressalta-se que o modelo formativo direcionado às leitoras era para que elas exercem funções de governança do lar, não tendo relação, por exemplo, com as funções de empregadas conforme ocorria com a personagem *Maria Fumaça*. Desempenhar tais tarefas com zelo e cuidado resultariam na aquisição de conhecimentos que seriam úteis no caminhar de sua formação para uma vida adulta voltada ao casamento e a maternidade. Era comum que alguns conteúdos de *Cirandinha* recebessem as seguintes denominações: *Coisas que você pode fazer*, *Para ajudar a mamãe* e *Para as habilidosas*, *Um Berço para a “Filhinha”*. O quadrinho intitulado *A Menina Boazinha* traz ilustração de uma garota que prega botões na jardineira de um menino. A legenda descreve justamente a noção de utilidade dos conhecimentos destinados ao sexo feminino: “A MENINA BOAZINHA... ajuda a Mamãe no cuidado com as roupas, sujas e dos irmãos, pregando botões e fazendo pequenos consertos fáceis, adquirindo prática para mais tarde ser uma boa dona de casa” (CIRANDINHA: JUNHO 1951, p.15).

Em consonância a esse discurso, pode-se citar novamente as capas de *Cirandinha* que no âmbito imagético remetiam aos afazeres domésticos e aos cuidados com as bonecas. Nesse contexto podem ser citadas, como exemplo, as seguintes edições: nº 1 de abril de 1951 (menina costurando); nº 4 de julho de 1951 (menina cozinhando); nº 5 de agosto de 1951 (menina lavando roupa); nº 26 de maio de 1953 (menina põe sua boneca para dormir); nº 63 de junho de 1956 (menina serve refeição a sua boneca); nº 65 de agosto de 1956 (menina costurando); nº 74 de maio de 1957 (menina brinca de auxiliar sua boneca a andar). Compartilhava-se a visão de que o sexo feminino possuía os predicados necessários para o exercício de funções sociais, apenas era preciso lapidá-los.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A edição do *Almanaque d’ O Tico-Tico* de 1953 trouxe a seguinte anúncio:

AS MENINAS AGORA TÊM “SUA REVISTA!” Em suas páginas encantadoras “CIRANDINHA”, a amiga preferida das meninas na idade em que começam a se interessar por tudo constitui assuntos estritamente femininos, oferece poesias e contos, ensinamentos e receitas, jogos e brincadeiras de armar, canções curiosidades, modelos de vestidos e bordados, religião, conselhos e humorismos. Revista mensal totalmente colorida! EDUCA, DIVERTE, ENSINA! (p.143).

O conteúdo publicitário reforça a perspectiva, demonstrada nesse artigo, de que *Cirandinha* se configurava em uma publicação cuja linha editorial perpassava contribuir para um modelo formativo feminino, moral e intelectual, centrado na preparação para o matrimônio e a maternidade. Tal posicionamento dialoga com a perspectiva de Buitoni de que “Sob a aparência de neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes” (2009, p.21). A leitura dos exemplares de *Cirandinha*, demonstra busca por preparar as meninas, desde a infância, para serem boas mães e esposas. Nesse contexto, a revista se caracteriza como fonte de pesquisa e traz contribuições no campo educacional; principalmente para o desenvolvimento de estudos sobre *materiais não didáticos*, mas que tinham como cerne o caráter formativo (moral, educacional e instrutivo). Aponta-se caminhos de continuidade dos estudos centrados sobre como as mulheres negras eram representadas na publicação; por exemplo, as personagens *Maria Fumaça* e *Caxuxa*. Assim como a presença de temas vinculadas à religião católica e suas vinculações ao processo formativo da moral feminina.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE D'O TICO-TICO. Rio de Janeiro, nº 001, ano, dezembro de 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/059730/per059730_1953_00001.pdf . Acesso em: 20.ago.2021.

ANUÁRIO DAS SENHORAS. Rio de Janeiro, nº 24, ano XXIV, 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/335070/5303> . Acesso em: 20.ago.2021.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As Aulas Régias no Rio de Janeiro: do projeto à prática 1759-1834. História da Educação, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 105-130, 1999. Disponível em: Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30261/pdf>. Acesso em: 24.ago.2021.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 83, ano VIII, fevereiro de 1958.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 78, ano VII, setembro de 1957.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 74, ano VII, maio de 1957.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 65, ano V, agosto de 1956.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 63, ano V, junho de 1956.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 60, ano V, março de 1956.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 58, ano V, janeiro de 1956.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 42, ano IV, setembro de 1954.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 36, ano III, março de 1954.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 30, ano III, setembro de 1953.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro nº 26, ano II, junho de 1953.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 16, ano II, julho de 1952.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 5, ano I, agosto de 1951.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 4, ano I, julho de 1951.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 3, ano I, junho de 1951.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº 2, ano I, maio de 1951.

CIRANDINHA. Rio de Janeiro, nº1, ano I, abril de 1951.

CORRÊA, Thomaz Souto. A Era das Revistas de Consumo. In: MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p.208-232.

DIEGUEZ, Priscila. Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do Jornal das Moças. 236fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgedu/DissertaoPPGEduPriscilaDieguez.pdf> . Acesso em: 25.ago.2021.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. Verbete Bastos Tigre. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/bastos-tigre/> . Acesso em: 28.ago.2021.

FELGA, Tatiana Emanuele Brito. Manuais de Redação de Leonor Posada: as concepções de língua e as propostas de ensino para a produção textual. 100fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14600> . Acesso em: 26.ago.2021.

GONÇALVES, Roberta Ferreira. O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista O Tico-Tico. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v.9, n.1, p.259-277, 2020. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/120284/169133> . Acesso em: 28.ago.2021.

1. GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIÇÕES DO VOVÔ. O Tico-Tico. Rio de Janeiro, nº 2.030, ano L, janeiro de 1955. In: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1955_02030.pdf . Acesso em: 20.ago.2021.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em Revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p.447-468.

MENDONÇA Ramona Lindsey Rodrigues; MENDES; Francisco Fabiano de Freitas. Das modas às tintas: representações do feminino nas publicidades da revista Anuário das Senhoras (1940-1950). Dobras, v.14, n.29, p.186-203, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v14i29.1143>. Acesso em: 27.ago.2021.

MOLERO, Eric. Verbete Giselda Melo. Guia dos Quadrinhos. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/giselda-melo/5089> .Acesso em: 31.mar.2017.

NÓVOA, António (Org.). Extrato de Repertório da Imprensa de Educação e Ensino. In A Educação Portuguesa. Corpus documental (séculos XIX-XX). CD-Rom, Porto: Edições ASA, 1993. p.1-17.

O FLUMINENSE. CADERNO O ESTADO DO RIO – SÃO GONÇALO. ITABORAÍ. RIO BONITO. Luiz Sá morre pobre e deixa Rico Trabalho. Niterói, p.1, 24 de novembro de 1979.

O TICO-TICO. Rio de Janeiro, nº 2.031, fevereiro de 1955. In: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1955_02031.pdf Acesso em: 20.ago.2021.

O TICO-TICO. Rio de Janeiro, nº 2005, ano XLVIII, Rio de Janeiro, dezembro de 1952. In: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1952_02005.pdf . Acesso em: 20.ago.2021

O TICO-TICO. Rio de Janeiro, nº 1872, ano XXXVII, novembro de 1941. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1941_01872.pdf Acesso em: 20.ago.2021.

PATROCLO, Luciana Borges. As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925). Cadernos de História da Educação, v. 18, n. 3, p. 731-748, 26 nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n3-2019-9> Acesso em: 24.ago.2021.

PATROCLO, Luciana Borges; Mendonça. As mães de famílias futuras: a revista O Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921). 300fls. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.26499>. Acesso em: 25.ago.2021.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres nos anos dourados. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PIATGÓRSKY, Zálkind. Trovas e Trovadores Lilha Fernandes. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, ed. 21163, ano LXI, p.2, 25 de março de 1962.

POSADA, Leonor. Anel de professora. In: CIRANDINHA. CIRANDINHA. Rio de Janeiro nº 26, ano II, junho de 1953. P.4-5.

ROSA, Zita de Paula. O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2002.

ROVERO, Fernanda Theodoro; SANTOS, Maria Walburga. Os quadrinhos de Caxuxa e suas mensagens às crianças: considerações a respeito do corpo infantil na revista “Cirandinha” (anos de 1950), *Educar em Revista*, v. 37, e76754, p.1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.76754> . Acesso em: 28.ago.2021.

SALERNO, Laura Peretto; CUNHA, Maria Teresa santos. Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 40, p. 127-139, jun./2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000200009> Acesso em: 27.ago.2021.

SANTOS, Roberto Elísio dos; SOUZA, Worney Almeida de. Os “Filhotes” de O Tico-Tico. In: VERGUEIRO, Waldomiro; _____ (Org.). *O Tico-Tico: o centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p.153-159.

SEIXAS, Cristina. *Casa Canadá: a questão da cópia e da interpretação na produção de moda na década de 1950*. 1.ed. Rio de Janeiro: Cassará, 2015.

SILVA FILHO. Luis Sá: trocou a fama pela vida longe da rotina. *O Fluminense*. Niterói-RJ, p.21, 2 e 3 de março de 1975.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)*. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; PATROCLO, Luciana Borges. “Revista álbum das meninas”: literatura infantil e jovial para educar a mocidade brasileira. *Humanidades & Inovação*, v.8, n.33, p.124-142, fev.2021.

Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4809> . Acesso em: 28.ago.2021.

VERGUEIRO, Waldomiro; SOUZA, Worney Almeida de. O declínio da Revista O Tico-Tico. In: _____; SANTOS, Roberto Elísio dos (Org.). *O Tico-Tico: o centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p.205-2012.

VOCÊ É BOA DONA DE CASA? *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, ed. 1824, ano XXXVII p.14, 1º de junho de 1950. Disponível em: Acesso em: 20.ago.2021. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1950_01824.pdf . Acesso em: 20.ago.2021.

VOCÊ É ORGANIZADA? *Cirandinha*. Rio de Janeiro, nº 30, ano III, p.4-5, setembro de 1953.